

PROJETO | MEMÓRIA EM AÇÃO: AS MINHAS MEMÓRIAS, A NOSSA HISTÓRIA

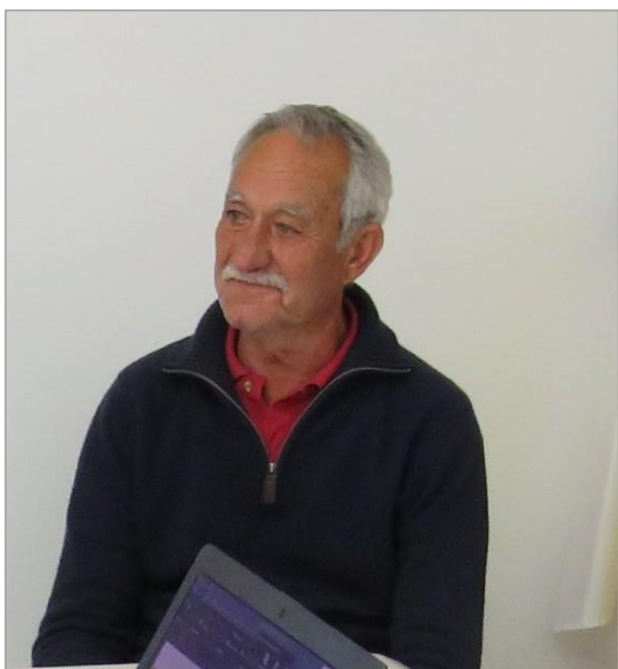


Foto: Museu de Lagos | Lídia Moreira

ENTREVISTA

FILOMENO CRISTINO DOS SANTOS nasceu em Bensafrim, concelho de Lagos, em 1948.

Completo o Ensino Primário.

Profissionalmente, teve várias ocupações, sendo a mais duradoura na restauração, durante cerca de 30 anos.

Foi um dos 21 fundadores da Associação de Moradores Bairro da Zona Verde, em Bensafrim, no âmbito do programa S.A.A.L. (Serviço de Apoio Ambulatório Local).

Em 25 de Abril de 1974, Filomeno Cristino dos Santos vivia em Bensafrim e trabalhava em Lagos. Recebeu a notícia através da rádio.

DESCRIÇÃO

Código de Referência: PT/ML/AML/C/3/35/000043

Título: Entrevista a Filomeno Cristino dos Santos

Data: 23/02/2024

Local: Instalações da União de Freguesias de Bensafrim e Barão de São João

Tipo: Entrevista áudio formato M4A

Duração de gravação: 00:36:09

Entrevistador: Museu de Lagos / Patrícia J. Palma

Registo fotográfico: Museu de Lagos / Lídia Moreira

Transcrição, revisão e edição: Museu de Lagos / Patrícia J. Palma

Texto revisto e validado pelo entrevistado a 30/04/2024.



MUSEU
DE LAGOS

Patrícia de Jesus Palma (PJP): Senhor Filomeno, muito obrigada pela sua disponibilidade em colaborar com o projeto Memória em Ação, aceitando conversar connosco sobre as suas memórias relativas ao 25 de Abril de 1974. Começo por lhe perguntar: o senhor morava em Bensafrim quando se deu o 25 de Abril?

Filomeno Cristino dos Santos (FCS): Morava. Morava aqui numas casas de aluguer à beira da estrada.

PJP: E lembra-se desse dia?

FCS: Lembro-me, lembro-me.

PJP: Que lembranças é que tem desse dia?

FCS: Isto aqui, uma aldeia pequena, ouvi através do rádio e depois da televisão.

PJP: Logo de manhã?

FCS: Logo de manhã, sim, sim.

PJP: Nessa altura, tinha quantos anos?

FCS: Nessa altura, já era casado, casei em 73. Ora, 24, tinha 25 anos. Casei em 1973, tinha 24.

PJP: E ouviu na rádio as notícias?

FCS: Sim, sim, ouvi na rádio as notícias. Só que, claro, depois através da comunicação social, na televisão...

PJP: Já tinha televisão em casa, nessa altura?

FCS: Já tinha, já tinha. E, claro, foi um acontecimento.

PJP: Então, e nesses dias, aqui em Bensafrim, como é que?...

FCS: Tudo muito tranquilo.

PJP: Lembra-se de ter ficado por aqui ou foi para Lagos?

FCS: Fiquei por aqui. Eu acho que fui trabalhar. Acho que aquilo foi uma quinta-feira, se não estou em erro, e os dias da minha folga eram à sexta e ao sábado. E então foi um dia normal de trabalho.

PJP: E depois o 1.º de Maio seguinte?

FCS: Ah, no 1.º de Maio fomos para Lagos, para a manifestação! Claro, depois de tantos anos sem podermos festejar uma data histórica! E eu ainda sou do tempo que trabalhei de sol a sol e lembro-me muito bem que a lei das 8 horas veio no ano de 1962.

PJP: *E quando diz de “sol a sol”, trabalhava onde? No campo?*

FCS: No campo, no campo. Nesse ano, estava no Alentejo, tinha ido com os meus pais, tinha para aí os meus 12, 13 anos, e estávamos na monda do arroz.

PJP: *E iam para que zona?*

FCS: Na zona de Santa Margarida do Sado, fica próximo de Grândola. Tínhamos que nos levantar muito cedo, antes do sol nascer, para estar lá no campo de trabalho. Só se saía quando o sol se punha. Quando chegávamos a casa, às vezes, íamos trabalhar a uma distância de quase 5 km ou mais...

PJP: *Iam a pé?*

FCS: A pé.

PJP: *Ia e trabalhava com os seus pais?*

FCS: No primeiro ano, fui para a escola, ainda andei lá na escola. Depois, acabou a escola, aquilo começava no princípio de maio e era junho e julho. Eram três meses. Depois, entretanto, em meados de junho, por alturas do São João, comecei a trabalhar com os meus pais. Era um moço pequeno e ajudava ali no meio do meu pai e da minha mãe e pronto! Depois, no outro ano, isto foi em 61, depois no outro ano em 62, deu-se então o horário de trabalho.

PJP: *Então, depois, ainda foram para a monda do arroz e já apanharam esse novo horário?*

FCS: Em 62, metade já desse horário e, depois, no outro ano, fomos novamente e parecíamos uns empregados de escritório!

PJP: *Era uma grande melhoria. Iam aqui de Bensafrim e passavam lá os 3 meses?*

FCS: Os três meses e só se tinha um dia de descanso, que era o dia de São João.

PJP: *Durante os 3 meses? Não havia fim-de-semana, nem domingo?*

FCS: Nada, nada. Só se descansava o dia de São João.

PJP: *Era também uma grande logística para ir?*

FCS: Pois era. Punham os autocarros, os patrões arranjavam aqui uma pessoa para arranjar pessoas e depois vinha um autocarro e ia-nos lá pôr.

PJP: *E levavam comida e roupa para os 3 meses?*

FCS: Sim, mas, normalmente, havia lá próximo uma cantina onde nos íamos aviar: o arroz, as batatas, o azeite, essas coisas mais essenciais eles tinham lá tudo. Agora a roupa, claro, tínhamos que levar.

PJP: *E ficavam instalados onde?*

FCS: Ficávamos num – ainda há dias disseram, agora vêm esses imigrantes, ai, coitadinhos estão mal, quatro ou cinco numa casa – a gente, lá, éramos à volta de 40 ou 50 pessoas e dormíamos todos dentro de um casarão! Com as camas tudo ali ao lado, mal tínhamos espaço!

PJP: *As famílias que iam e partilhavam todas o mesmo espaço?*

FCS: Exatamente. Pronto, já passou.

PJP: *Portanto, era normal, muitas famílias aqui de Bensafrim fazerem a monda do arroz?*

FCS: Ia quase tudo, na altura.

PJP: *Era dos empregos que havia?*

FCS: Exatamente. Por exemplo, o meu irmão é mais novo do que eu, o meu irmão nunca foi, mas os meus pais tinham que pagar uma pessoa para ficar esses três meses com ele.

PJP: *Então, depois, no 1.º de Maio vai para Lagos para as manifestações. E aqui, lembra-se de comícios, de manifestações?*

FCS: Não, não, as pessoas aqui não são assim muito...

PJP: *E os partidos não começaram a vir aqui fazer comícios, sessões de esclarecimento?*

FCS: Vinham, vinham. Isso era quase sempre, ali na escola.

PJP: *Faziam na escola primária?*

FCS: Faziam na escola primária. Aquilo era, até faziam bicha para entrar lá para a escola, a escola cheia, cheia...

PJP: *Lembra-se de ter participado nessas sessões?*

FCS: Sim, pois, eu logo nas primeiras eleições, ainda fiz parte aí na Junta também.

PJP: *Logo nas primeiras?*

FCS: Nas primeiras eleições.

PJP: Em 76?

FCS: Em 76, exatamente. Fiz parte aí da Junta.

PJP: No Executivo ou na Assembleia?

FCS: Não, era parte da Assembleia.

PJP: E antes das eleições, houve o recenseamento. Chegou a participar no recenseamento? Aqui em Bensafrim, como é que isso foi?

FCS: Sinceramente, isso já não me lembro. Ainda cheguei a fazer parte das mesas de voto... Éramos nomeados pela Câmara, tínhamos que deixar de trabalhar, mas como era um serviço mesmo obrigatório, o patrão não podia dizer que não. Levava o comprovativo.

PJP: E as eleições eram feitas aqui na Junta ou eram na escola?

FCS: Não, primeiramente eram aqui e depois é que, por causa das escadas, pessoas mais debilitadas tinham dificuldade em subir, optaram por fazer na escola, porque é um sítio mais plano.

PJP: Como é que o senhor Filomeno despertou para a vida política?

FCS: Quer dizer, eu nunca fui assim muito de política, quer dizer, aliás, quando estive na tropa, havia lá malta assim mais com estudos e tal... De vez em quando falavam de certas coisas, mas assim tudo pela calada e não me hei-de esquecer: no ano em que fiz três anos de tropa, e no ano em que passei à disponibilidade, que saí, juntaram-se lá uma mão cheia de rapazes, furriéis, tinham o 5.º ano na altura, e cantaram a “Grândola, Vila Morena”, mas eu não tinha assim grande coisa...

PJP: Isso foi em que ano?

FCS: Em 72.

PJP: Que se juntou um grupo de furriéis. Onde é que estava na tropa?

FCS: Eu estava em Beja. E eu, como era o cozinheiro, fiz lá um jantar especial de despedida e depois já tínhamos comido e...

PJP: E saiu a “Grândola”?...

FCS: Saiu a “Grândola, Vila Morena”. Depois, passados dois anos, é que comecei a ver a relevância... Já tinha ouvido falar no Zeca Afonso, mas só depois é que a música começou a ter mais impacto.

PJP: Então, depois, para estas primeiras eleições, como é que é aqui recrutado?

FCS: Pois, naquela altura, isto tinha pouca habitação, não tinha estes bairros todos que há agora, era só aqui o centro, a parte antiga da aldeia. Através de pessoas já mais esclarecidas. Eles próprios é que vieram convidar-me, tínhamos que fazer uma lista: ponham lá o meu nome, tudo bem.

PJP: E foi por que partido, nessa altura?

FCS: Pelo Partido Comunista. Foi o primeiro que me convidou. Mas, nunca fui militante de partido nenhum. Tenho cá as minhas opções políticas, aliás, agora até nem tenho nenhuma. Estou indeciso, tão vago com esta coisa, que não sei, sinceramente, para que lado me hei-de deitar! Já disse, se calhar, vou lá, voto em branco, mas o meu filho diz-me: “– Ó pai, não faças isso, porque isso não conta. É melhor votares num partido que não tenha hipótese de ir para o governo, mas, vota e não votes em branco.” Agora, estive a ouvir nas notícias, diz que o André Ventura já está com um empate técnico com a A.D. e P.S.¹

PJP: *E, nessa altura, como é que se lembra das eleições em 76?*

FCS: Lembro-me que era uma bicha até quase lá ao fim da aldeia. Todo o mundo queria votar, era novidade, não é? E eram bichas, formavam-se horas e horas na bicha...

PJP: *E ninguém abandonava?*

FCS: Ninguém abandonava. Hoje há mais abstenção, mas nessa altura...

PJP: *Nessa altura, uma afluência muito grande. Então, e depois, a partir dessa altura, que principais alterações, aqui na aldeia, é que se lembra de acontecer?*

FCS: Olhe, uma das que eu posso dizer é que, felizmente, surgiu a Associação de moradores. Eu, aí, já era casado, tinha dois filhos e andava em casas alugadas. Casas velhas sem casa-de-banho... Numa das que estive, o quarto era tão pequeno que a minha cama não conseguia caber no quarto, tínhamos que ter a cama na sala, a casa de entrada. Mas isso tínhamos a minha filha mais velha. Eu tenho dois, a Cláudia e o Ricardo. E, depois, entretanto, já viemos aqui para outra casa. Ali, já nasceu o meu Ricardo, mas ali já tínhamos dois quartos: um quarto para a gente, um quarto para a miúda e ele era pequenino dormia no berço, porque ela nasceu em 73 e ele nasceu em 75, por isso, eu nunca me esqueço do 74.

PJP: *Quando é que é criada a Associação de moradores?*

¹ À data da entrevista decorre o período eleitoral para eleições legislativas que se realizaram a 10/03/2024.

FCS: A Associação foi criada em 1976 e eu até desconhecia, porque eu, como trabalhava na hotelaria, vinha às 7h30 para baixo e a maior parte das vezes chegava a casa por volta das 11h, porque saía às 10h, e então eu desconhecia que havia a Associação. Mas um dia, ali à beira da estrada, estava ali um café e havia ali um rapaz, que infelizmente já morreu, ele é que começou com os primeiros passos da Associação...

PJP: *Como é que se chamava?*

FCS: Era Manuel Salvador. Ele é que começou com isso tudo. E eu, nesse dia, estava de folga, era sexta-feira, estava ali naquele café e diz-me ele: “– Passa-se isto assim, assim.” Ele já tinha estado em contacto com a Câmara e com o atelier do arquiteto Veloso, deram passos para isso: “– Se tu pudesses, íamos a Lagos que era para te apresentar lá ao arquiteto Veloso, a ver se ele dá seguimento a isso, que ele, derivado ao trabalho, tem de ir para Beja.” E, então, eu fui. Pronto, e apresentou-me lá ao arquiteto. Depois, ele deu os passos que a gente tinha de dar e começámos a reunir, a fazer os livros de atas, que eu trouxe, se fosse preciso...

PJP: *Sim, sim, vamos ver.*

FCS: E começámos em 76. Formar a Associação, foram 21 elementos.

PJP: *Porque eram 21 fogos a construir ou não estava associada uma coisa a outra?*

FCS: Não, podíamos até ter, que tínhamos, espaço, mas foram só aqueles que apareceram. E, depois, começámos a formar, íamos falando com as pessoas e depois começámos a reunir na escola, depois reuníamos aqui na Junta, mas, depois, houve aí um problema com um tesoureiro da Junta e depois desistimos. Ah, pois: primeiro fazíamos aqui, depois daquela confusão é que fomos para a escola. E, depois da escola, havia lá umas casas de madeira, por causa do sismo que tinha havido em 1969 e já estavam desocupadas, começámos a fazer lá o escritório da Associação.

PJP: *Como é que era o ânimo dessas pessoas que constituíram a Associação nessa altura? As associações também eram uma coisa nova...*

FCS: Pois, do 25 de Abril! Aquilo eram pessoas que para ali foram que não tinham casa própria, que estavam em casas de aluguer... Hoje, foi a melhor coisa que me podia ter acontecido na vida, foi ter lá aquela casinha e estou descansado. Tanto por mim, como pelo resto das outras pessoas. E foi assim. Mas, depois, houve o contrato com o Fundo de Fomento de Habitação, foi o Fundo de Fomento que nos emprestava o dinheiro.

PJP: *Individualmente ou à Associação?*

FCS: Não, não, era da Associação. O dinheiro foi pedido em nome da Associação. Depois, quando começámos a pagar, porque tivemos 25 anos para pagar, mas só pagávamos depois de termos as casas terminadas. O Fundo de Fomento começou a mandar a importância, dividíamos a importância pelos 21 e íamos pagar ao banco e os papéis íamos entregar à Câmara.

PJP: E era o arquiteto Veloso quem dava aqui o acompanhamento técnico?

FCS: O arquiteto Veloso é que fez as plantas.

PJP: E as pessoas que faziam parte da Associação participavam no pensamento sobre as plantas das casas?

FCS: Sim, pensávamos. Até, inclusive, o arquiteto acabou por fazer três plantas e, tirando esta, que foi a última, que foi aprovada, talvez fosse para mim a que tinha menos, havia ali outras que tinham... Mas, havia outras pessoas que estavam ali mais à frente...

PJP: *Mas quem aprovou a planta que se concretizou foi a Associação?*

FCS: Sim, sim, não posso dizer, aprovámos todos, ele apresentou, houve quem gostasse, quem não gostasse...

PJP: *A maioria ganhou. Portanto, foram apresentadas três plantas e Associação depois decidiu?*

FCS: – Depois só à terceira é que... E eu não gostava desta e ainda hoje... O único defeito que ponho é que as outras eram a casa e depois tinham a parte do telhado e esta não: é a placa e é logo as telhas em cima, o que torna as casas mais quentes no verão e mais frias no inverno. Naquela altura, tinha-se gastado mais 40 ou 50 contos cada um, mas, pronto, as pessoas não entenderam assim e a decisão foi essa.

PJP: *E participaram diretamente na construção das casas? Ou foi alguma empresa construir?*

FCS: Sim, foi construção direta. Tínhamos o engenheiro da Câmara, vinha aí de vez em quando, tínhamos também o arquiteto Veloso e, depois, quando começou a vir o dinheiro do Fundo de Fomento, de vez em quando, mandavam umas tranches de dinheiro, depois vinha uma pessoa do Fundo de Fomento ver se o dinheiro estava a ser investido ou não investido. E, depois, conforme o parecer dessa pessoa assim desbloqueavam outra verba. E foi assim.

PJP: *E isso foi durante quantos anos?*

FCS: A Associação começou-se a formar aí no ano de 76, mas só em 77 é que se começou a construir e acabou em 1980. Até me recordo bem: foi no dia 5 de outubro de 1980 que eu fui para lá!

PJP: *Foi rápido.*

FCS: Foi quase 3 anos. E nós sócios, membros da Associação, pusemos um acordo entre nós todos que, ao sábado, todos tínhamos que ir dar oito horas de trabalho.

PJP: *Oferecer as oito horas de trabalho?*

FCS: Oferecer, mas valorizamos um valor por cada hora que cada um fazia. Valorizou-se uma hora, que era para, depois no fim, se fosse preciso, saber quanto é que estava a ser dado. E, então, aos sábados todos íamos e algum que não pudesse ir, por qualquer razão, tinha que arranjar uma pessoa para substituir.

PJP: *E nesse dia era para irem trabalhar para as obras uns dos outros?*

FCS: Não, não. Logo, logo, não. Nós só soubemos para que casa é que pertencíamos já depois das fundações, ter algumas paredes. Depois, um dia, foram 21 papelinhos para dentro de um saco, cada um tirou o seu papelinho e calhou um número. A mim, calhou-me o número 20 e foi assim que foi depois distribuído. Mas, quando íamos trabalhar, basicamente era só – andavam as pessoas ali a trabalhar, os pedreiros – deixavam logo as coisas preparadas, por exemplo, pela altura dos caboucos: deixavam logo tudo arranjado e nós íamos lá e enchíamos os caboucos e uns faziam massa, outros carregavam, porque havia sempre pedreiros... Quando foi os pilares, foi precisamente a mesma coisa, as placas fomos nós também. Eles deixavam logo tudo preparadinho e nós, ao sábado, enchíamos. E, então, uma grande parte da mão-de-obra também foi feita por nós.

PJP: Então e o dia em que toma por conta da casa, lembra-se desse dia?

FCS: Sim, lembro-me.

PJP: *5 de outubro de 1980?*

FCS: 5 de outubro, foi no dia a seguir às eleições. Houve eleições nesse fim-de-semana, depois, no 5 ou 6, não lembro precisamente, sei que no domingo houve eleições e na segunda-feira mudei. Morava, naquela altura, mesmo aqui na beirinha da estrada.

PJP: *E foi uma grande felicidade nesse dia?*

FCS: Ah, claro! O meu Ricardo dizia, era pequenino: “– Pai, a casa nova é melhor!”

PJP: *Para todos, foi melhor. E a Associação ainda dura até hoje ou, entretanto, foi extinta?*

FCS: Não, não. Depois acabámos os pagamentos que tínhamos contraído ao banco...

PJP: *Nesses tais 25 anos?*

FCS: Exatamente. E depois, quando estava tudo liquidado, recebemos uma carta a dizer que, a partir de agora, podíamos pôr as casas em nosso nome que estava tudo liquidado, estava tudo certinho.

PJP: *Esse foi outro grande momento de felicidade? Isso foi 25 anos depois. E atualmente cada um trata da sua casa, não há nenhuma organização de bairro?*

FCS: Não, pois a partir daí nós comprámos o terreno, o terreno era um terreno baldio. Entretanto, nem a Junta era proprietária do terreno, nem a Câmara, nem nada. Entretanto, a Junta tratou de passar o terreno para nome deles para podermos comprar à Junta. Naquela altura, 500 escudos por cada metro quadrado.

PJP: *Portanto, foi mesmo uma grande melhoria, pós-25 de Abril, a construção deste bairro?*

FCS: Sim, sim exatamente. Para nós, o 25 de Abril trouxe-nos esta possibilidade, que de outra maneira não teria sido assim muito fácil arranjar casa própria.

PJP: Senhor Filomeno, trouxe-nos os livros das atas da Associação. Ainda guarda o arquivo da Associação?

FCS: Mandámos fazer uma casa, uma casinha, onde tínhamos lá os materiais de construção e ainda está lá a papelada. A papelada está lá toda.

PJP: *Para nós, seria muito interessante visitar.*

FCS: Ah, mas está tudo velho.

PJP: *Nessa casa das obras do bairro, atualmente, é onde estão guardados os papéis da Associação?*

FCS: O objeto daquela casa é só para pormos o arquivo das coisas e serviu também para oficina e depois arrecadação para certos materiais. Mas, agora, como já ninguém utiliza aquilo, há dias o Duarte Rio, senhor presidente, falou comigo:

“– O que é que vocês pensam fazer daquilo?”

“– Não pensamos fazer nada, aquilo não é nosso. Foi feito com o dinheiro da Associação, realmente foi, mas não está em nosso nome e ninguém quer aquilo, por isso, está bom é

para a Junta ou para o clube de futebol, que fica ali mesmo junto aos balneários do campo da bola e para eles é que servia.”

Pois, de resto, aquilo está ali abandonado. E eu fui ali, porque um tio meu, que há-de vir aí, tem a chave e eu disse:

“– Ó tio João, vou ali buscar umas atas, que, se for preciso... E, se não for, também não pesa muito.”

PJP – Queremos muito ver. Vamos lá.

[Terminámos a entrevista com a consulta e fotografia dos documentos gentilmente partilhados pelo senhor Filomeno Cristino dos Santos].

Referência para citação: MUSEU DE LAGOS / PALMA, Patrícia de Jesus – *Entrevista a Filomeno Cristino dos Santos*. 2024-02-23. 10 p. Acessível, com a ref.^a PT/ML/AML/C/3/35/000043, em <https://abrir.link/zaunG>.